

Capítulo

Socio-Economia

Eduarda Marques da Costa

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

1. Introdução

A Área Metropolitana de Lisboa (AML)¹ é composta por dezoito municípios, estando nove localizados a norte² e os restantes nove localizados a sul³ do Tejo (Figura 1).

Com uma população de 2.812.678 habitantes em 2015 (INE, 2015), a AML tem registado um crescimento demográfico ancorado na dinâmica positiva dos concelhos que envolvem a capital, cidade que por sua vez tem vindo a perder população (Quadro 1). As estimativas para 2015 apontam para uma inversão na tendência de crescimento demográfico relativamente a 2011, mas este padrão não afeta a importância relativa da

¹ A partir de 1 de janeiro de 2015 entrou em vigor uma nova versão das NUTS (NUTS 2013). Ao nível da NUTS II ocorreu apenas uma alteração de designação em "Lisboa" que passou a ser designada por "Área Metropolitana de Lisboa". Assim, atualmente a delimitação da Área Metropolitana de Lisboa representa dois níveis de organização estatística: a NUTS III e a NUTS II. Na classificação anterior, a Área Metropolitana de Lisboa identificava-se com a NUTS II – Lisboa, subdividindo-se em duas NUTS III, a “Grande Lisboa” (que incluía os nove municípios a norte do Tejo) e a “Península de Setúbal” (que incluía os nove municípios a sul do Tejo). Atualmente, as duas NUTS III, confluem numa única, com a designação de “Área Metropolitana de Lisboa”.

² AML Norte, é composta pelos seguintes concelhos: Amadora, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Odivelas, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira.

³ AML Sul, é composta pelos seguintes concelhos: Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Seixal, Sesimbra e Setúbal.

a. . . .

. . m. área
. l. . metropolitana
de lisboa



ATLAS DIGITAL

metrópole no contexto nacional, que vê reforçada a sua posição (25,5% em 1991, 27,2% em 2015).



Figura 1 – Divisão administrativa da AML, 2014.

Fonte: DGT

a. . . .

. . m. área
. l. metropolitana
. de lisboa



ATLAS DIGITAL

Quadro 1 – População residente na Área Metropolitana de Lisboa: Importância no contexto do País, 1991-2015

		População				Taxa de Variação (%)		
		1991	2001	2011	2015*	1991-01	2001-11	2011-15*
Cidade Lisboa (a)		656.002	563.149	542.440	504.471	-14,2	-3,7	-7,0
Coroa (b)		1.883.518	2.115.546	2.284.610	2.308.207	12,3	8,0	1,0
AML (a+b)	Total	2.539.520	2.678.695	2.827.050	2.812.678	5,5	5,5	-0,5
	% AML /Portugal	25,5	25,8	26,8	27,2			
Portugal		9.950.029	10.394.669	10.542.398	10.341.330	4,5	1,4	-1,9

*Estimativa

Fonte: INE, RGP

A par da evolução da população, registou-se uma dinâmica do PIB e do PIB/Capital positiva até 2008, ano que vai marcou o início do declínio decorrente da crise europeia e que, em Portugal, atingiu os valores mais baixos entre 2009 e 2013 (Quadro 2). Estes registos refletiram-se num refrear do processo de convergência regional europeu, registando-se em 2012, 2013 e 2014, os mais baixos valores de PIB/capita em PPC⁴ (106 PPC em relação à UE 28).

Quadro 2 – PIB/Capita PPC (em relação à UE 28) da AML – Evolução 2003-2014

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
PIB (milhares/PPC)	64.958	67.157	72.719	76.412	80.653	80.952	78.680	81.683	80.451	79.775	79.491	82.146
PIB/Capita PPC	24.000	24.600	26.500	27.800	29.100	29.100	28.100	29.000	28.500	28.300	28.300	29.300
PIB/Capita PPC (em relação à UE 28)	112	110	114	113	113	112	115	114	109	106	106	106

Fonte: Eurostat

⁴ Paridade do poder de compra (PPC) também referida como paridade do poder aquisitivo (PPA).

2. Caracterização sociodemográfica e habitacional

O território metropolitano tem-se caracterizado por uma enorme heterogeneidade do ponto de vista sociodemográfico e habitacional, situação que se expressa claramente em 2011 e nos anos posteriores, visíveis nas estimativas mais recentes.

Considerando os dados do Censo (Quadro 3), em 2011, residiam na Área Metropolitana de Lisboa (AML) 2.821.876 habitantes, o que representou um acréscimo de 5,5% relativamente à década anterior, num ritmo superior ao registado no país. A perda populacional verificada na capital, à qual se juntaram as perdas dos municípios da Moita, Barreiro e Amadora (estes dois últimos com decréscimos mínimos), foi compensada pela dinâmica positiva de municípios como Mafra (38,8%) e Cascais (19,3%), na margem norte, e Alcochete (33,6%), Montijo (29,7%) e Sesimbra (29,1%), na margem sul.

Com um crescimento mais moderado, mas ainda assim significativo, contam-se os municípios de Palmela (16,8%), Vila Franca de Xira (11,1%), Almada (6,9%), Odivelas (9,3%), Oeiras (5,9%), Setúbal (5,4%) e Seixal (6,0%).

Quadro 3 – População residente – evolução por concelho, 1991-2015

Concelhos	População						Taxa de Variação (%)		
	1991	2001	2011	2015	H (%)	M (%)	91-01	01-11	11-15
Amadora	182.015	176.027	175.738	176.644	46,6	53,4	-3,3	-0,2	0,5
Cascais	155.216	174.243	207.924	210.361	46,6	53,4	12,3	19,3	1,2
Lisboa	656.002	563.149	542.440	504.471	45,7	54,3	-14,2	-3,7	-7,0
Loures	193.240	199.755	201.442	205.870	47,4	52,6	3,4	0,8	2,2
Mafra	44.707	56.376	78.233	81.961	48,4	51,6	26,1	38,8	4,8
Odivelas	130.800	134.950	147.563	154.462	47,0	53,0	3,2	9,3	4,7
Oeiras	152.921	163.096	172.764	173.339	46,2	53,8	6,7	5,9	0,3
Sintra	269.621	365.382	379.786	382.521	47,5	52,5	35,5	3,9	0,7
V. Franca Xira	105.675	124.291	138.142	140.614	47,7	52,3	17,6	11,1	1,8
Alcochete	10.436	13.415	17.916	18.807	47,8	52,2	28,5	33,6	5,0
	153.219	162.322	173.574	169.689	47,0	53,0	5,9	6,9	-2,2
Barreiro	85.549	79.037	78.574	76.433	46,7	53,3	-7,6	-0,6	-2,7
Moita	65.544	67.390	66.125	65.104	47,3	52,7	2,8	-1,9	-1,5
Montijo	36.478	40.355	52.347	55.153	48,3	51,7	10,6	29,7	5,4
Palmela	44.839	54.313	63.412	64.110	48,0	52,0	21,1	16,8	1,1
Seixal	120.094	151.166	160.237	164.625	47,5	52,5	25,9	6,0	2,7

a. . . .

. . m. área
. l. . metropolitana
de lisboa



ATLAS DIGITAL

Concelhos	População						Taxa de Variação (%)		
	1991	2001	2011	2015	H (%)	M (%)	91-01	01-11	11-15
Sesimbra	28.207	38.702	49.969	50.734	48,9	51,1	37,2	29,1	1,5
Setúbal	10.4957	114.726	120.864	117.780	47,4	52,6	9,3	5,4	-2,6
AML Norte	189.0197	1.957.269	2.044.032	2.030.243	46,8	53,2	3,5	4,4	-0,7
AML Sul	64.9323	721.426	783.018	782.435	47,5	52,5	11,1	8,5	-0,1
AML - Total	2.539.520	2.678.695	2.827.050	2.812.678	47,0	53,0	5,5	5,5	-0,5
Continente	9.456.452	9.904.113	10.030.968	9.839.140	47,4	52,6	4,7	1,3	-1,9
Portugal	9.950.029	10.394.669	10.542.398	10.341.330	47,4	52,6	4,5	1,4	-1,9

Fonte: INE, RGP

Para esta evolução demográfica contribuíram saldos migratórios muito positivos ao longo dos últimos anos (Quadro 4). Entre 1991 e 2001, o saldo migratório atingiu os 4,2%, enquanto o crescimento natural (Figura 2) foi bastante modesto (0,5%) (CCDRLVT, 2011, p. 9).

Quadro 4 - População estrangeira – Peso na População total, evolução 1991-2011

	1991	2001	2011
AML Norte	4,7	1,8	7,8
AML Sul	1,3	3,7	5,7
AML	5,1	2,0	7,2
Portugal	1,1	2,2	3,7

Fonte: INE, RGP

a. . . .

. . m. área
. l. metropolitana
. de lisboa



ATLAS DIGITAL

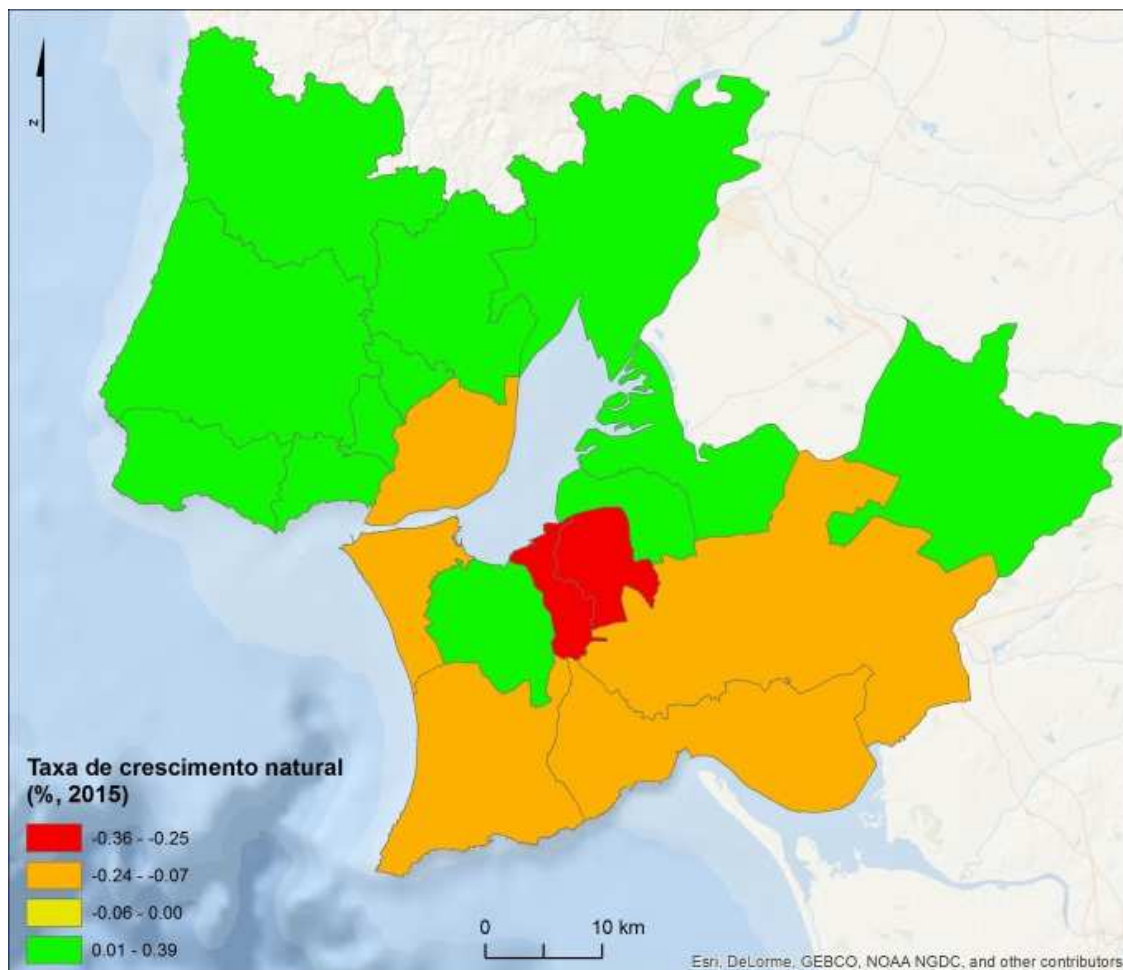


Figura 2 – Taxa de crescimento natural, 2015.

Fonte: INE

Tomando como base a informação relativa às freguesias, verificamos que entre 2001 e 2011 (Figura 3), os maiores crescimentos populacionais registaram-se em unidades que foram beneficiadas por uma melhoria da acessibilidade. Vejam-se os casos: a A5, que mobiliza o crescimento de freguesias de Oeiras e Cascais, bem como as ligações às freguesias de Sintra; a A8, na ligação a Mafra; e a Ponte Vasco da Gama que tem particulares reflexos no desenvolvimento demográfico e habitacional do Montijo e de Alcochete. Motivado pela disponibilidade de habitação a menor custo, desenvolve-se ainda um crescimento nas freguesias de Sesimbra, Setúbal e Palmela.

a. . .

. . m. área
. l. . metropolitana
. . de lisboa



ATLAS DIGITAL

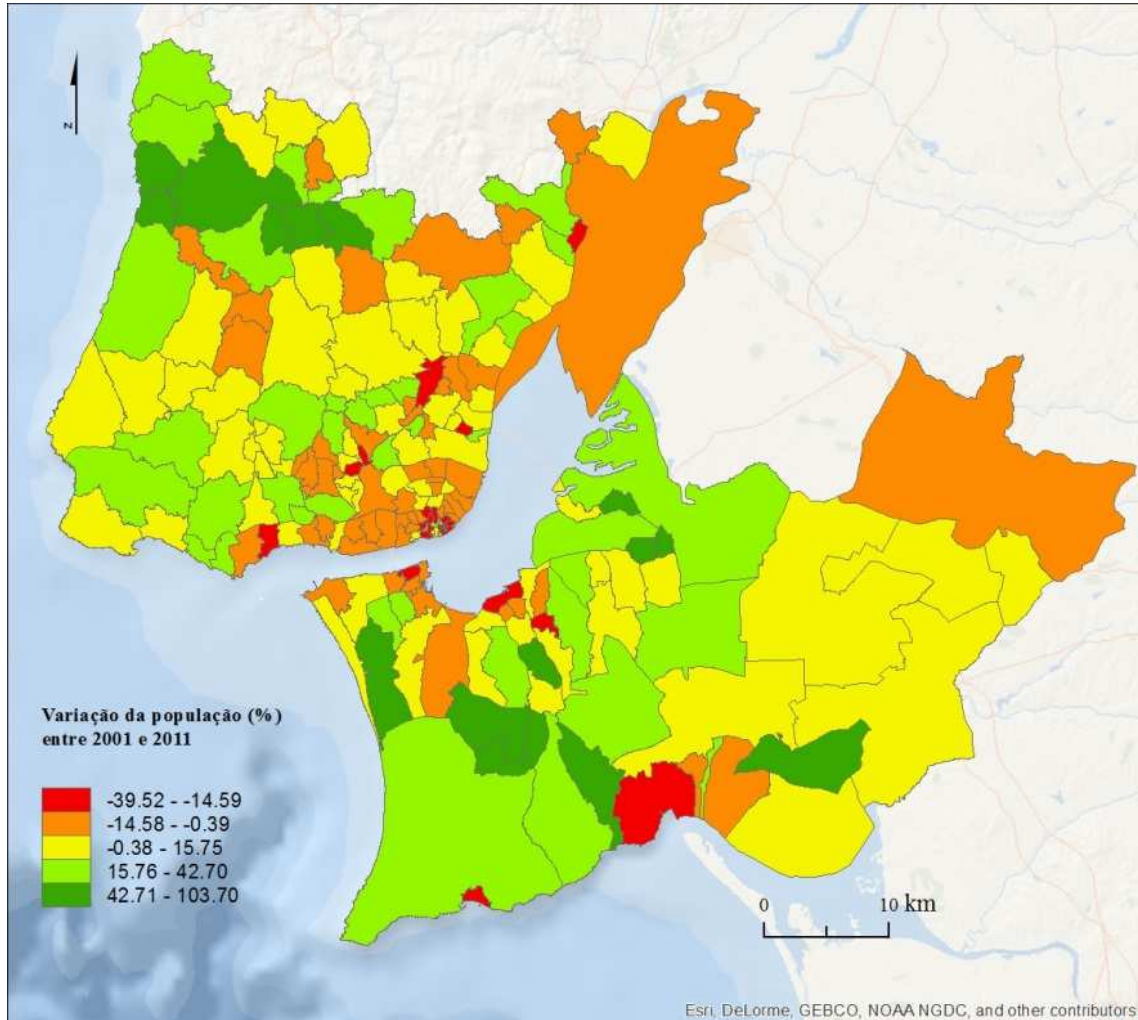


Figura 3 – Evolução da População residente por freguesia - 2001-2011 (%)

Esta dinâmica populacional reflete, por um lado, o modelo de urbanização representado por um crescimento mais acentuado do número de alojamentos nos municípios localizados na coroa mais distante da capital (Quadro 5), por outro, as transformações sociodemográficas da população metropolitana. Entre 2001 e 2011, o crescimento do número de alojamentos na AML foi francamente superior (13,7%) à média do País (9,7% de variação nos mesmos anos). Sintra (34,3%), Mafra (28,2%) e Cascais (20,5%) na margem norte, Alcochete (26,4%) e Montijo (24,5%) na margem sul, foram os concelhos onde o número de alojamentos mais cresceu entre 2001 e 2011. Nos concelhos da Amadora, Barreiro, Moita e Setúbal, o crescimento do parque habitacional foi menos acentuado, com valores inferiores a 10%, abaixo da média da AML.

a. . .

. . m. área
. l. . metropolitana
. de lisboa



ATLAS DIGITAL

Quadro 5 – Alojamentos – Evolução e Importância no contexto do País, 2001-2015

	Alojamentos			Taxa de Variação (%)	
	2001	2011	2015*	2001-11	2011-15*
Cidade Lisboa	313.939	322.944	323.422	2,9	0,1
AML Norte	933.535	1.065.993	1.070.859	14,2	0,5
AML Sul	374.042	421.066	423.380	12,6	0,5
AML	1.307.577	1.487.059	1.494.239	13,7	0,5
	% AML/Portugal	24,4	25,3	24,4	
Portugal	5.357.900	5.878.979	5.926.286	9,7	0,8

*Estimativa

Fonte: INE, RGP

No quadro da AML, podemos salientar 3 grandes fatores de mudança que, acentuam, de uma maneira geral, as diferenças entre as várias freguesias:

O envelhecimento populacional (Figura 4) (entre 2001 e 2011, o Índice de Envelhecimento aumenta significativamente num largo número de freguesias);

A importância da melhoria dos níveis educacionais (Figura 5) e seus efeitos na estrutura socioeconómica da população (entre 2001 e 2011, a percentagem de população com o ensino superior e com o 3º ciclo completo cresce, tendência que é acompanhada pelo aumento da importância das profissões socialmente valorizadas em muitas freguesias;

E, as transformações no edificado (em número de alojamentos, na sua tipologia e também no acréscimo de importância dos alojamentos vagos).

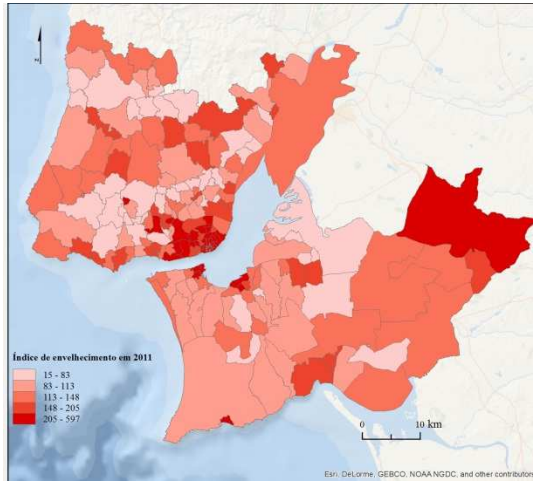


Figura 4 - **Índice de Envelhecimento, 2011.**

Fonte: INE

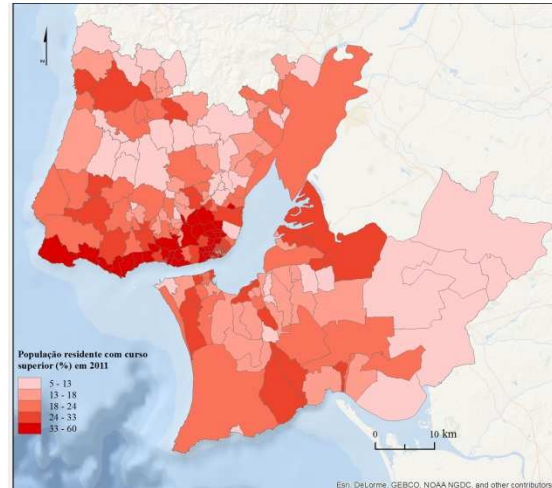


Figura 5 - **Percentagem de População residente com curso superior, 2011.**

Fonte: INE

Estes fatores são os que apresentam uma forte relação entre si. Por outro lado, as alterações na estrutura da economia e do emprego, interagem com a dinâmica de crescimento do parque habitacional e com as alterações na estrutura socioeconómica da população.

Assim, em termos demográficos, uma das principais características foi o processo de envelhecimento registado num largo número de freguesias (Figura 4), destacando-se nesse quadro, Lisboa, que para além dos elevados índices de envelhecimento apresenta, também, menores taxas de atividade e uma forte presença de famílias clássicas unipessoais com pessoas com mais de 65 anos.

Esta população concentra-se em freguesias que registam igualmente altas densidades de edificado, de idade média mais elevada e com maior representatividade de edifícios a necessitar de reparação/manutenção. Por outro lado, a capital do país regista ainda uma forte presença de alojamentos vagos.

a. . .

. . m. área
. l. metropolitana
. de lisboa



ATLAS DIGITAL

Com características similares às anteriormente descritas, encontramos freguesias da coroa mais distante da capital, quer a norte (Mafra e parte de Sintra), quer a sul (freguesias do Montijo, Alcochete e Palmela).

Todavia, o processo de envelhecimento aparenta não ter tido grandes reflexos na taxa de atividade (Quadro 6), demonstrando o papel da população estrangeira que foi chegando ao país e, em particular, à AML, que veio compensar o reduzido crescimento natural.

Quadro 6 - **Taxa de atividade, 2001-2011**

	2001	2011
AML Norte	52,5	50,16
AML Sul	51,2	48,82
AML	52,2	49,79
Portugal	48,1	47,56

Fonte: INE, RGP

No que diz respeito aos níveis educacionais e à estrutura socioeconómica, salientam-se com uma população com níveis de instrução mais elevados (Figura 5) uma parte significativa das freguesias de Lisboa (Lisboa Norte e Ocidental) com extensão ao longo da marginal, envolvendo os concelhos de Oeiras e Cascais. Aqui também se concentram os valores mais altos de população com profissões mais diferenciadas.

Valores aproximados podem ainda ser encontrados em algumas freguesias de Mafra, Sintra e Alcochete, freguesias de expansão residencial recente (idade média do edificado mais baixa) para onde se deslocaram famílias com estruturas mais jovens (maior peso das famílias com filhos e maior percentagem de população residente com menos de 15 anos) do que as anteriores.

Esta população reside em habitações com uma dimensão média superior (Figura 6), de propriedade do próprio (Figura 7) e suportando encargos elevados relacionados com a sua aquisição (Figura 8). As densidades populacionais são muito menores do que as atingidas na capital e nas freguesias que se localizam na periferia imediata à cidade, apontando para a coexistência de distintas tipologias residenciais, nomeadamente residências unifamiliares ou edifícios com um baixo número de pisos (Figura 9).

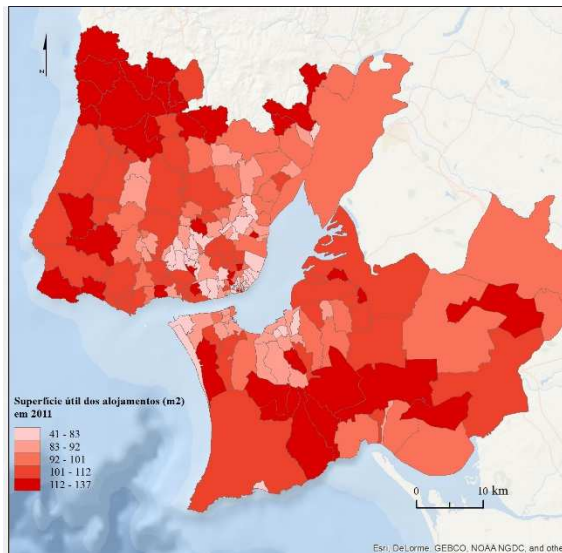


Figura 6 – Superfície útil dos alojamentos, 2011.

Fonte: INE

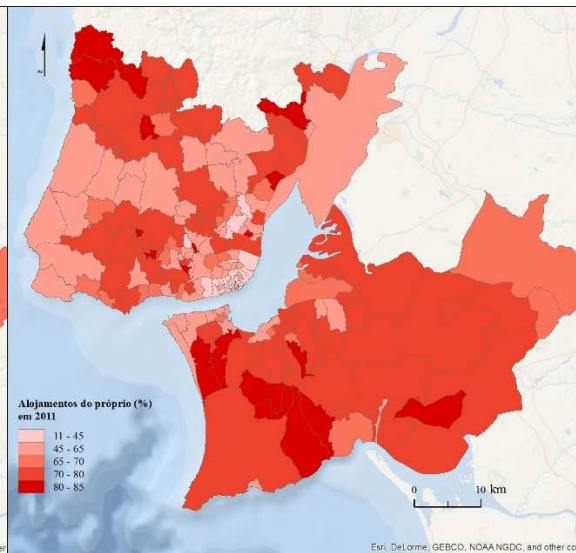


Figura 7 – Percentagem de alojamentos do próprio, 2011.

Fonte: INE

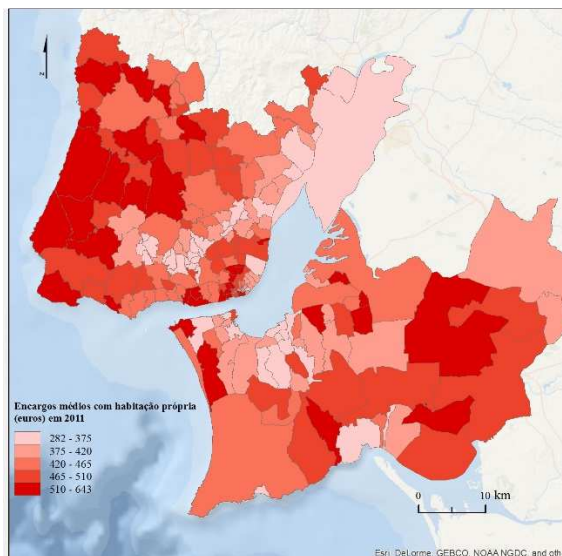


Figura 8 – Encargos médios com habitação própria, 2011.

Fonte: INE

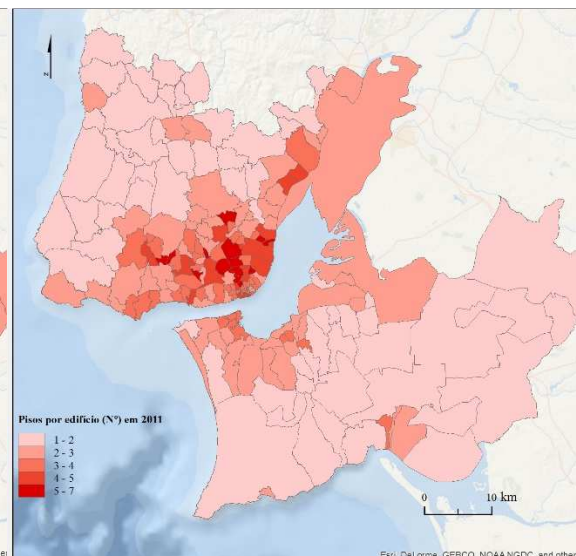


Figura 9 – Número de pisos por edifício, 2011.

Fonte: INE



A conjugação das várias características traduzidas por indicadores demográficos, habitacionais e sociais (estes últimos, quer ao nível da instrução, quer do ponto de vista da prática profissional, quer ainda, do ponto de vista, da capacidade financeira para responder a encargos com a habitação), através da elaboração de uma análise fatorial em componentes principais⁵, permite evidenciar as fortes relações existentes⁶.

O primeiro fator é de *natureza demográfica* envolvendo a *componente habitacional*, agregando indicadores como a dimensão média das famílias e índice de dependência de jovens mais altos (associados a valores positivos no eixo fatorial). No polo oposto (valores negativos no eixo fatorial), surgem evidenciados valores altos para indicadores como: a densidade populacional, o peso da população com mais de 65 anos, a percentagem de população imigrante e o peso dos alojamentos degradados ou vagos.

A Figura 10 representa o Fator 1, identificando-se 5 grupos, do Grupo 1 (valores mais altos para o eixo negativo) ao 5 (correspondente às freguesias com valores mais expressivos nas variáveis que caracterizam o eixo positivo). As freguesias da área central

⁵ O exercício realizado conta com 33 variáveis, com informação reportada à freguesia e utilizando dados de 2011, distribuídas segundo 3 dimensões:

- *demográfica* - Densidade Populacional; Índice de envelhecimento; Dimensão Média da Família; % de estrangeiros; % de famílias com filhos; % de famílias monoparentais; % de famílias unifamiliares com pessoas com mais de 65 anos;
- *condições socioeconómicas* - % De população com 18-24 anos com o 3º ciclo que não estuda e não trabalha; % população com curso superior; % população residente que 1 ano antes residia noutra unidade territorial; % profissões valorizadas socialmente; % da população residente com pelo menos uma dificuldade; Encargos médios com habitação própria; Valor médio das rendas; % população com pelo menos o 3º ciclo; Taxa abandono escolar; Taxa atividade; Taxa analfabetismo; Taxa desemprego; Taxa de sem abrigo; % utilizadores de automóvel; Duração média dos movimentos pendulares;
- *edificado* - % alojamentos arrendados; % alojamentos sazonais; % alojamentos vagos; % alojamentos sobrelotados; % alojamentos sem infraestruturas; % de edifícios degradados; % de edifícios não classificados; Densidade de alojamentos; Índice de envelhecimento do edificado; Nº médio de divisões por alojamento; Nº médio de pisos por edifício

O exercício realizado é uma atualização de trabalhos anteriores realizados pelo INE, para 1991, intitulado “INE (2000) *Tipologia sócio-económica da Área Metropolitana de Lisboa 1991*” (Lisboa: INE-DRLVT 1991) e, para 2001, “INE (2004) *Tipologia sócio-económica da Área Metropolitana de Lisboa 2001*”, (Lisboa: INE). Corresponde ainda a uma nova versão do exercício realizado em 2014, INE (2014) *Tipologia Socioeconómica das Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto 2011*”, sendo que todos estes se desenvolveram à escala da subsecção estatística. O estudo aqui realizado, apresenta uma tipologia à escala da freguesia.

⁶ O exercício obteve 70,8% de explicação associada aos 4 principais fatores: Fator 1 - 31.53%; Fator 2 - 19.86%; Fator 3 - 12.11%; Fator 4 - 7.30%.

a. . .

. . m. área
. l. . metropolitana
. . de lisboa



ATLAS DIGITAL

de Lisboa, tais como São Cristóvão e São Lourenço, Santa Justa, Socorro, Santa Catarina, Sé, Castelo, Encarnação, São José, São Nicolau, São Vicente de Fora, Pena, Anjos, São Paulo, Graça e São Jorge de Arroios (Grupo 1), são onde se concentra a maior percentagem de idosos e de população imigrante, a residir em habitações mais antigas e com forte expressão de encargos com aluguer de habitação. Ainda com valores negativos no eixo (mas correspondentes ao Grupo 2) estão as freguesias da Amadora como a Reboleira, Damaia, Venteira e Mina, mas também várias freguesias da margem sul, como: Almada, Cacilhas, Cova da Piedade, Setúbal (Santa Maria da Graça), Santiago (Sesimbra). No eixo positivo, com os valores mais elevados (Grupo 5) encontram-se Mafra, Fernão Ferro, Atalaia, Famões, Vila Franca do Rosário, Santo Isidoro, São Lourenço, Quinta do Conde, São Francisco, Poceirão, Belas, Igreja Nova, Venda do Pinheiro, Vialonga, São João dos Montes, Gâmbia-Pontes-Alto da Guerra, São Miguel de Alcainça, São Simão e Milharado.

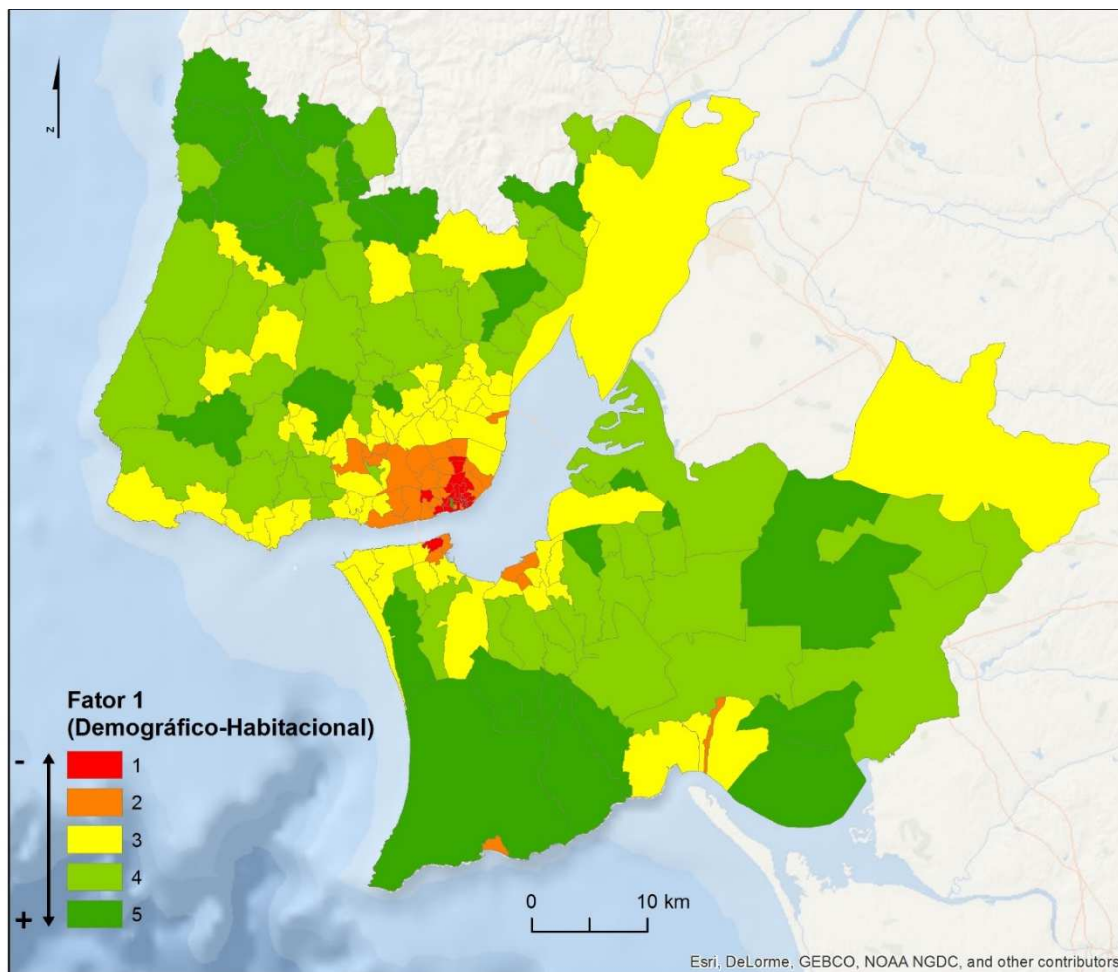
O segundo fator é de natureza *socioeconómica*. Com valores positivos no eixo, encontram-se a percentagem de população que possui o ensino superior e os que possuem o 3º ciclo, associados a outros indicadores como a percentagem de população com profissões socialmente valorizadas, o número médio de divisões por alojamento e os valores médios de renda ou de encargos com a habitação do próprio. Com valores negativos no eixo encontramos a conjunção de indicadores desfavoráveis tais como: a taxa de analfabetismo, a taxa de abandono escolar e a percentagem de população entre os 18 e os 25 anos, que possuindo o 3º ciclo, não está a estudar. A estes juntam-se ainda, a taxa de desemprego e a percentagem de alojamentos sobrelotados. Este fator, permite evidenciar a forte relação existente entre instrução, acesso ao mercado de trabalho, rendimento e acesso à habitação e, assim, identificar as áreas com condições socioeconómicas mais frágeis.

a. . . .

. . m. área metropolitana de lisboa
 . l. .



ATLAS DIGITAL



+	Dimensão Média da Família	0,931	-	Alojamentos vagos (%)	-0,595
	Famílias com filhos (%)	0,848		Índice envelhecimento do edificado	-0,724
	Índice Dependência Jovens	0,818		Densidade Populacional	-0,737
	Utilização do automóvel (%)	0,763		Índice Envelhecimento	-0,807
				Famílias unifamiliares com pessoas com mais de 65 anos (%)	-0,808
				Densidade de alojamentos	-0,824
				Alojamentos arrendados (%)	-0,847

Figura 10 - **Fator 1. Demográfico-Habitacional.**

Fonte: Elaboração própria, Informação estatística: INE, 2011

A Figura 11 representa o fator 2 e nela se identificam também 5 grupos. Com os valores negativos mais baixos estão freguesias do centro de Lisboa mas, igualmente, de outros

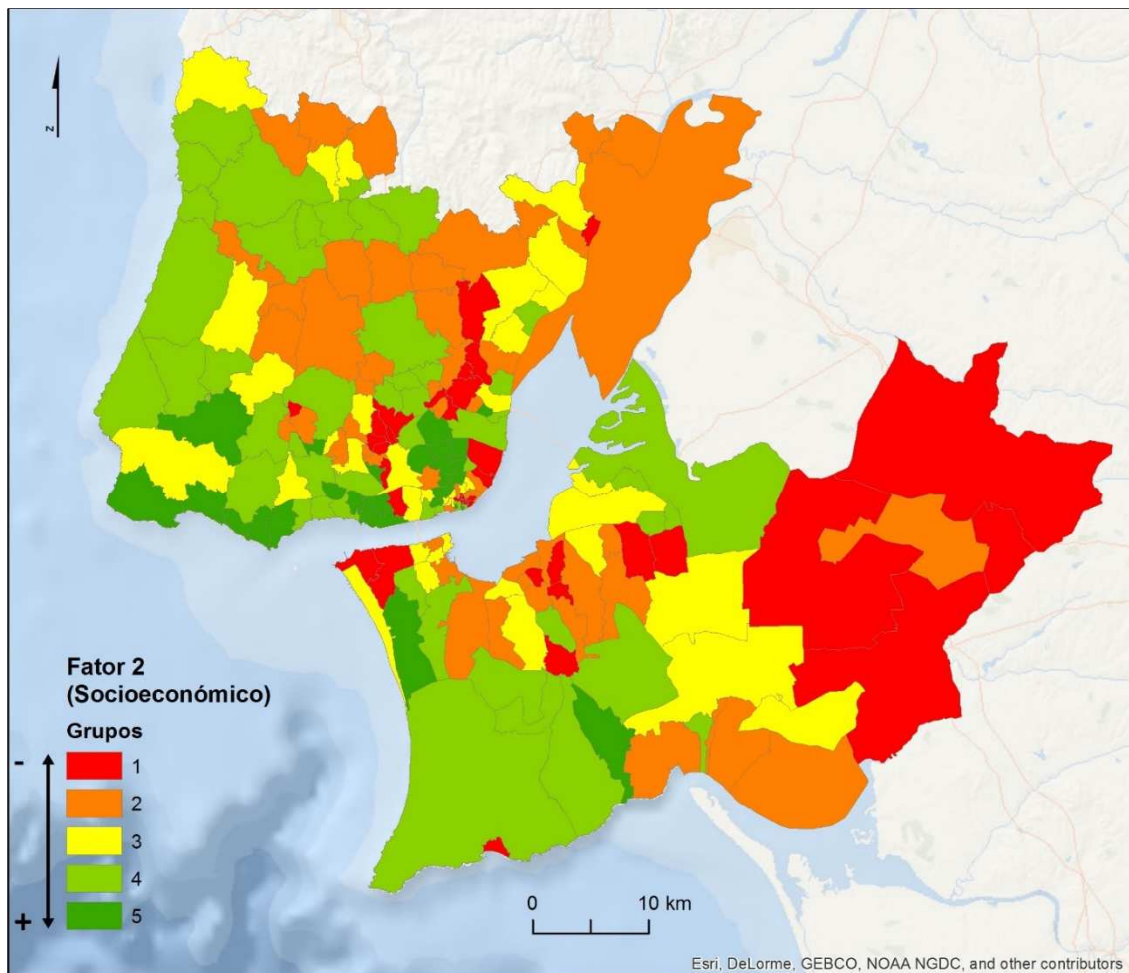
a. . . .

. . m. área metropolitana de lisboa
 . l. .



ATLAS DIGITAL

concelhos da AML destacando-se unidades como: Socorro, Trafaria, Santa Justa, Apelação, Brandoa, Unhos, Vale da Amoreira, São Cristóvão e São Lourenço, Castelo, Camarate, Coina, Canha, Poceirão, Olival Basto e Marateca.



+	População com pelo menos o 3º ciclo (%)	0,873	-	Taxa de abandono escolar	-0,460
	População com Curso Superior (%)	0,829		Taxa de analfabetismo	-0,670
	Profissões valorizadas socialmente (%)	0,781		Alojamentos sobrelotados (%)	-0,690
	Valor médio da renda	0,742		Taxa de desemprego	-0,715
	Número de divisões por alojamento	0,643		Pessoas com 1 ou mais dificuldades (%)	-0,716
	Encargos médios com habitação própria	0,575		População (18-24 anos) com 3 ciclo e não estuda (%)	-0,834

Figura 11 - **Fator 2. Socioeconómico.**

Fonte: Elaboração própria, Informação estatística: INE, 2011

Enquanto numas freguesias se destaca o analfabetismo e o baixo rendimento, noutras, onde existe uma população mais jovem, a associação ao eixo do fator socioeconómico verifica-se pelo percurso de abandono escolar precoce ou de não continuidade de estudos após a conclusão do 3º ciclo, contribuindo para valores de desemprego elevado. Algumas destas freguesias caracterizam-se ainda pela presença de bairros (nomeadamente, bairros de habitação social resultado das operações de realojamento efetuadas ao longo de duas décadas) com um elevado número de alojamentos sobrelotados. Com valores positivos, encontram-se Belas, Quinta do Anjo, Santos-o-Velho, Fernão Ferro, Sobreda, Encarnação, Santo Isidoro, São João das Lampas, Alcochete, Colares, Sintra (São Martinho), São Domingos de Rana, Prazeres, Quinta do Conde, Milharado, Carnide, Ericeira, Estoril, São João de Brito, entre outras.

A análise fatorial permitiu ainda identificar um terceiro fator (relacionado com a mobilidade – população ativa e tempo médio de deslocação) e um quarto fator (centrado na representação da imigração e na taxa de atividade)⁷.

A combinação entre os dois primeiros fatores encontra-se representada na Figura 12, onde se podem identificar 5 grupos:

O grupo de freguesias cujos valores dos scores fatoriais se situam em torno dos valores médios registados nos fatores 1 e 2;

O grupo de freguesias cujos valores nos dois fatores são mais altos que os valores médios, e que correspondem a áreas com uma estrutura e forma urbana consolidada, com forte representação de população envelhecida, coexistente com pouca instrução, a par da presença de população com melhores condições de instrução, emprego e mobilidade;

⁷ Nos fatores 3 e 4 podemos destacar as seguintes variáveis:

Fator 3			Fator 4	
+	Duração média dos movimentos pendulares (min)	0,518	Taxa de atividade	0,628
-	Alojamentos sem infraestruturas (%)	-0,539	População residente que 1 ano antes residia noutra unidade territorial (%)	0,537
	Encargos médios com habitação própria (€)	-0,534		

O grupo de freguesias em que os valores dos fatores 1 e 2 estão ambos abaixo da média; correspondem as freguesias onde se concentram famílias residentes, com membros mais jovens, com baixo rendimento e instrução a residir em edificado em piores condições;

O grupo que inclui freguesias em que o fator 1 é negativo e o segundo é positivo; havendo população envelhecida, esta coexiste com população com níveis de instrução mais elevados e com melhores condições de habitação;

O último grupo corresponde às freguesias em que o fator 1 é positivo e o segundo é negativo e que assume expressão em territórios onde reside uma população ativa forte, com instrução média e superior, ligada às atividades industriais e ao terciário, residindo em áreas de urbanização recente e cuja mobilidade tem uma forte expressão no automóvel.

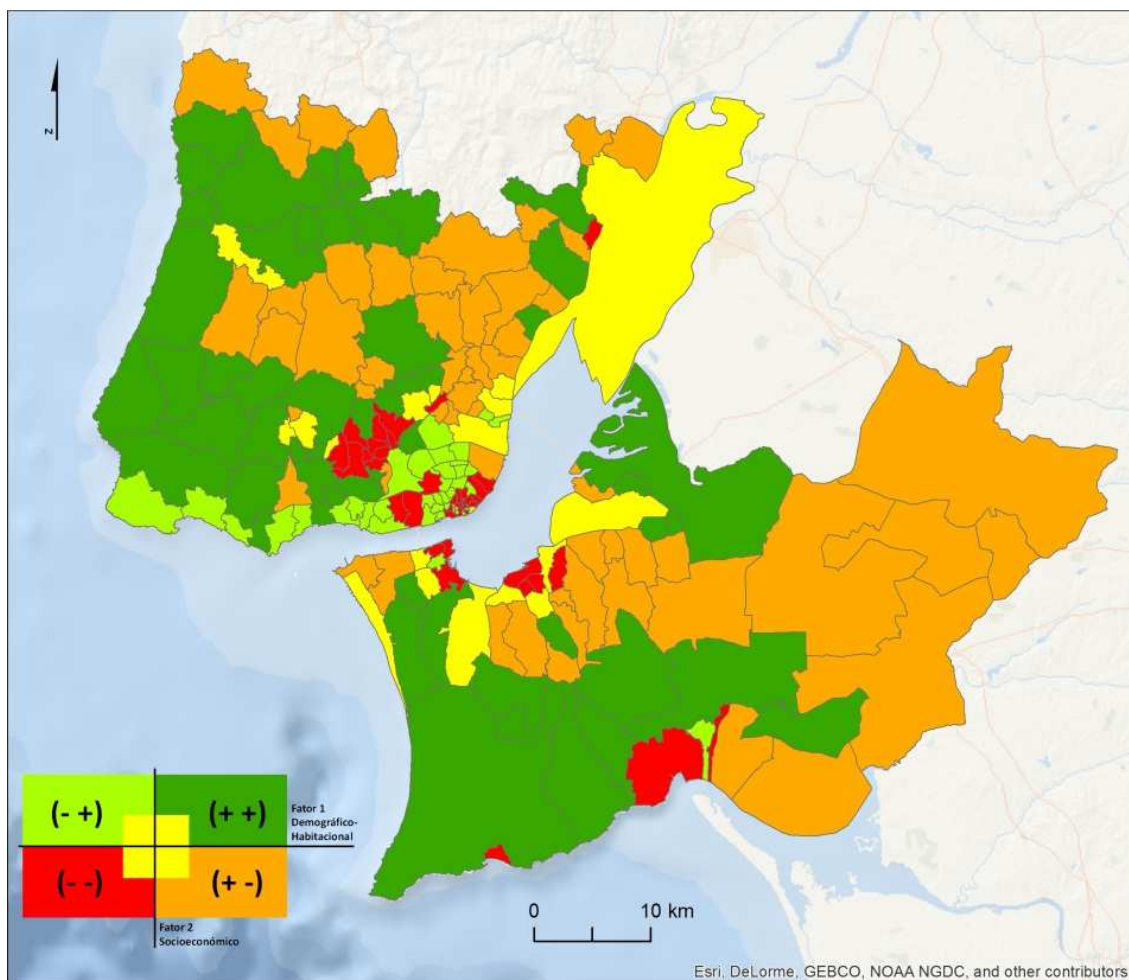


Figura 12 – Cruzamento entre os Fatores 1 (Demográfico-Habitacional) e 2 (Socioeconómico).

Fonte: Elaboração própria, Informação estatística: INE, 2011

3. Atividades económicas – Dinâmica de emprego e dos estabelecimentos

Entre as principais transformações ocorridas nas últimas duas décadas na AML, contam-se as económico-funcionais, com reflexo na estrutura do emprego, das empresas e da produção.

As décadas de oitenta e de noventa do século passado, foram caracterizadas por um processo de reestruturação, traduzido por uma desindustrialização acentuada nos sectores da indústria pesada e tradicional, e uma afirmação dos serviços e da função logística. A desconcentração populacional registada a favor dos concelhos periféricos, foi também acompanhada pelo processo de desconcentração e de realocização das atividades económicas nesses mesmos concelhos. Primeiro algumas atividades industriais e de logística, depois os serviços pessoais e de apoio às empresas, bem como, as grandes superfícies de comércio, passaram a localizar-se em concelhos em torno de Lisboa, marcando a organização do território metropolitano nas décadas de 1980 e 1990 até meados da década de 2000. Por outro lado, o crescimento demográfico dos concelhos periféricos à AML, induziu a geração de um emprego local, nomeadamente associado à prestação de serviços sociais, como a educação e a saúde, e à banca e seguros (Salgueiro, Marques da Costa, 2009).

Em 2004, considerando a estrutura do emprego segundo os níveis de intensidade tecnológica, os “serviços intensivos em conhecimento”⁸ representavam 33,02% do emprego da AML (valor que no Continente era de 21,30%) e os “serviços intensivos em conhecimento e em alta tecnologia”⁹ constituíam 3,62% do emprego (por contraponto aos 1,89% que assumiam no Continente). Por outro lado, na mesma data, a AML concentrava 36,60% (21,32% na AML Norte) do emprego nacional em indústrias de alta

⁸ NACE Versão 1.1: transportes, intermediação financeira, atividades imobiliárias, outros serviços de apoio à população como saúde, educação, entre outros.

⁹ NACE Versão 1.1: comunicações, atividades de informática e afins, investigação e desenvolvimento.

tecnologia¹⁰ e 28,24% (sendo 18,78% na AML Norte) do emprego nas unidades “industriais de média-alta tecnologia”¹¹ (Salgueiro, Marques da Costa, 2009).

Contudo, a crise que se desenvolve a partir de meados da década de 2000, trouxe uma nova leitura dos números. Assim, verificamos que entre 2008 e 2012 o número de pessoas ao serviço, bem como o número de estabelecimentos reduziu-se, traduzindo os efeitos da crise internacional, secundados pela forte crise nacional. Após 2012 (Quadro 7), assiste-se a uma ténue retoma. Uma vez que a crise foi generalizada a todo o país, apesar da perda de emprego e estabelecimentos, a AML mantém a sua importância no quadro nacional, representando cerca de 30% dos empregados em atividade¹².

Os concelhos mais empregadores, como Lisboa, Sintra e Oeiras, registaram perdas elevadas, mas também na margem sul, em concelhos com valores de pessoas ao serviço mais baixos do que os da margem norte, o decréscimo aconteceu com maior intensidade, contribuindo para manter as disparidades entre a AML Norte e a AML Sul.

¹⁰ NACE Versão 1.1: farmacêutica, máquinas e equipamentos automáticos de informação, equipamentos e aparelhos de rádio, televisão e afins.

¹¹ NACE Versão 1.1: máquinas e equipamentos, aparelhos elétricos, automóveis e outro material de transporte.

¹² A tabela “Pessoal ao Serviço em Estabelecimentos” regista o número de empregados a laborar nos estabelecimentos do concelho, o que inclui os estabelecimentos ligados a empresas sediadas no concelho e ou fora dele. Por contraponto, a presente tabela, “Pessoal ao Serviço em Empresas” regista o número de empregados associados a empresas registadas no concelho X, incluindo assim o pessoal ao serviço em estabelecimentos localizados no concelho X e em outros concelhos.

	Pessoas ao serviço em empresas				Taxa de Variação (%)	
	2008	2010	2012	2014	08-12	12-14
AML Norte	1192277	1142521	1039528	1030559	-8,05	0,56
AML Sul	207145	187586	164120	161113	-10,08	0,28
AML	1399422	1330107	1203648	1191672	-8,50	0,49
Portugal	3961546	3732512	3405269	3449428	-6,79	5,54
%AML/Portugal	35,33	35,64	35,35	34,55		

Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE)

a. . .

. . m. área
. l. metropolitana
. de lisboa



ATLAS DIGITAL

Quadro 7 - Pessoal ao serviço e Estabelecimentos, 2010- 2014

	Pessoas ao serviço em estabelecimentos					Estabelecimentos				
	Nº			Taxa de Variação (%)		Nº			Taxa de Variação (%)	
	2010	2012	2014	10-12	12-14	2010	2012	2014	10-12	12-14
Amadora	53.234	51.366	47.884	-3,51	-6,78	18.096	16.298	15.877	-9,94	-2,58
Cascais	70.255	62.899	61.937	-10,47	-1,53	29.019	26.437	26.317	-8,90	-0,45
Lisboa	433.627	397.524	410.059	-8,33	3,15	105.896	99.195	101.013	-6,33	1,83
Loures	73.137	67.255	64.260	-8,04	-4,45	21.508	19.732	19.001	-8,26	-3,70
Mafra	28.831	26.411	25.657	-8,39	-2,85	10.022	9100	9401	-9,20	3,31
Odivelas	35.030	31.504	30.824	-10,07	-2,16	15.547	14.099	14.145	-9,31	0,33
Oeiras	104.308	91.847	95.627	-11,95	4,12	24.737	22.669	22.779	-8,36	0,49
Sintra	115.893	101.394	92.943	-12,51	-8,33	39.642	35.845	36.250	-9,58	1,13
V. Franca X.	44.173	41.764	40.004	-5,45	-4,21	12.867	11.626	11.635	-9,64	0,08
Alcochete	6440	5924	5603	-8,01	-5,42	1933	1784	1868	-7,71	4,71
Almada	43.065	37.888	36.856	-12,02	-2,72	18.887	16.901	16.743	-10,52	-0,93
Barreiro	18.025	16.076	14.715	-10,81	-8,47	7041	6329	6203	-10,11	-1,99
Moita	11.591	10.887	9849	-6,07	-9,53	4980	4489	4445	-9,86	-0,98
Montijo	15.210	14.110	16.312	-7,23	15,61	5683	5117	5225	-9,96	2,11
Palmela	26.862	24.267	24.388	-9,66	0,50	6515	5924	6212	-9,07	4,86
Seixal	36.873	31.754	30.352	-13,88	-4,42	15.794	14.056	13.993	-11,00	-0,45
Sesimbra	11.931	10.003	9.760	-16,16	-2,43	5297	4733	4878	-10,65	3,06
Setúbal	39.451	35.656	35.087	-9,62	-1,60	13.065	11.877	11.839	-9,09	-0,32
AML Norte	958.488	871.964	869.195	-9,03	-0,32	277.334	255.001	256.418	-8,05	0,56
AML Sul	209448	186565	182.922	-10,93	-1,95	79.195	71.210	71.406	-10,08	0,28
AML	1.167.936	1.058.529	1.052.117	-9,37	-0,61	356.529	326.211	327.824	-8,50	0,49
Portugal	3.709.720	3.386.175	3.434.637	-8,72	1,43	1.199.911	1.118.444	1.180.375	-6,79	5,54
AML/ Portugal (%)	31,48	31,26	30,63			29,71	29,17	27,77		

Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE)

Apesar da evolução, a dinâmica de variação do emprego e de localização dos estabelecimentos não alterou o peso relativo que cada concelho tem no mosaico da AML (Quadro 8). Lisboa mantém-se como o centro com mais importância no quadro do emprego da AML, acentuando a sua especialização quando falamos em serviços de apoio à produção e serviços sociais e pessoais, enquanto outros concelhos como Sintra, Oeiras, Cascais, Loures, Amadora, Almada e Setúbal, mantêm-se como geradores de mais de

a. . . .

. . m. área
. l. metropolitana
. de lisboa



ATLAS DIGITAL

50% do emprego, o que indicia a manutenção do processo de reestruturação e desconcentração produtiva iniciado na década anterior.

Quadro 8 – Pessoas ao serviço nos estabelecimentos por sector de atividade económica – Evolução 2010, 2012, 2014

Áreas	Primário	Indústria Transformadora	Secundário	Comércio grosso e retalho; reparação veículos auto e moto	Transporte e armazenamento	Alojamento, restauração e similares	Serviços de apoio à produção*	Serviços Sociais**	Total
2010									
AML Norte	63,37	69,60	69,85	80,51	86,43	83,02	89,49	84,54	81,86
AML Sul	36,63	30,40	30,15	19,49	13,57	16,98	10,51	15,46	18,14
AML	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
%AML/Portugal	6,34	14,59	15,99	30,77	39,00	34,54	48,06	43,43	31,48
2012									
AML Norte	67,94	68,65	79,82	80,41	87,18	83,62	90,07	84,41	83,80
AML Sul	32,06	31,35	20,18	19,59	12,82	16,38	9,93	15,59	16,20
AML	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
%AML/Portugal	5,01	14,01	14,09	30,10	39,77	34,02	48,04	43,80	31,26
2014									
AML Norte	-	68,92	85,38	80,13	88,31	83,34	90,77	84,27	84,82
AML Sul	-	31,08	14,62	19,87	11,69	16,66	9,23	15,73	15,18
AML	-	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
AML/Portugal (%)	-	13,09	13,15	29,43	39,45	34,13	48,80	44,00	30,63

- Informação não disponível

*Serviços de apoio à produção: inclui “Atividades de informação e de comunicação”, “Atividades imobiliárias”, “Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares”;

** Serviços sociais e pessoais: inclui “Atividades administrativas e dos serviços de apoio”, “Educação”, “Atividades de saúde humana e apoio social”, “Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas”, “Outras atividades de serviços”.

Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE)

Assim, cabem destacar os serviços de apoio à produção, que estando hiperconcentrados na AML Norte, representam quase 50% do emprego nacional nesse perfil de serviços, os serviços sociais (em 2014, 44% do emprego do país) e o sector dos transportes e armazenagem (39,42%), qualquer um deles, com uma parte muito representativa do emprego nacional (Quadro 9).

a. . . .

. . m. área
. l. . metropolitana
de lisboa



ATLAS DIGITAL

Quadro 9 – Estrutura do pessoal ao serviço nos estabelecimentos por sector de atividade económica, 2010- 2014

	Setor Primário	Setor Secundário		Setor Terciário					Total
		Indústria transformadora	Total do Secundário	Comércio grosso e retalho; reparação veículos auto e moto	Transporte e armazenamento	Alojamento, restauração e similares	Serviços de apoio à produção*	Serviços Sociais	
2010									
AML Norte	0,51	7,55	13,88	21,73	5,81	9,11	16,97	31,99	100
AML Sul	1,32	14,87	27,03	23,74	4,12	8,41	8,99	26,40	100
AML	0,65	8,87	16,26	22,10	5,50	8,98	15,53	30,98	100
Portugal	3,14	18,57	31,06	21,92	4,31	7,94	9,86	21,77	100
2012									
AML Norte	0,47	7,29	13,31	21,24	6,08	9,16	17,41	32,33	100
AML Sul	1,14	17,22	17,40	26,76	4,62	9,28	9,93	30,86	100
AML	0,57	8,90	13,97	22,14	5,84	9,18	16,20	32,09	100
Portugal	3,45	19,08	29,79	22,10	4,41	8,11	10,13	22,01	100
2014									
AML Norte	0,05	6,84	12,73	19,90	6,13	9,18	18,51	33,50	100
AML Sul	0,00	17,24	12,18	27,58	4,53	10,25	10,51	34,94	100
AML	0,04	8,42	12,65	21,07	5,89	9,34	17,29	33,72	100
Portugal	5,67	18,83	28,16	20,96	4,37	8,02	10,38	22,44	100

*Serviços de apoio à produção: inclui “Atividades de informação e de comunicação”, “Atividades imobiliárias”, “Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares”;

** Serviços sociais e pessoais: inclui “Atividades administrativas e dos serviços de apoio”, “Educação”, “Atividades de saúde humana e apoio social”, “Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas”, “Outras atividades de serviços”.

Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE)

Mantem-se assim a relevância da AML no quadro do emprego qualificado, nomeadamente na Margem Norte, onde concomitantemente à qualificação, encontramos remunerações médias mais altas.

O declínio do número de pessoas ao serviço e do número de estabelecimentos ocorrido entre 2008 e 2012, foi acompanhado por um decréscimo do Valor Acrescentado Bruto (VAB) gerado, com valores muito similares à média do país (Quadro 10). Contudo, o perfil sectorial dos estabelecimentos ligados à indústria mais tecnológica ou serviços de apoio à produção, eleva os níveis de produtividade aqui medidos por aproximação através do rácio VAB/Pessoa ao Serviço, registando, a AML, produtividades do trabalho, superiores ao valor registado para o território nacional nos anos em análise. Por outro lado, e tal como no emprego, a AML, representa 27,2% da população residente no país e 29,3% das pessoas ao serviço em empresas a desenvolver atividade económica, mas o peso do VAB atinge os 46,24% do país.

Quadro 10 – VAB – Peso no VAB nacional e evolução do VAB/Pessoa ao serviço, 2008-2014

	VAB (€)				VAB//Pessoa ao serviço (€)				Taxa de Variação VAB (%)		
	2008	2010	2012	2014	2008	2010	2012	2014	08-10	10-12	12-14
AML Norte	37.592.935.032	36.478.682.212	31.660.571.088	32.020.384.532	31.530	31.928	30.457	31.071	-2,96	-13,21	1,14
AML Sul	4.120.619.839	3.75.7949.983	3.085.489.518	3.184.420.242	19.892	20.033	18.800	19.765	-8,80	-17,89	3,21
AML	41.713.554.871	40.236.632.195	34.746.060.606	35.204.804.774	29.808	30.251	28.867	29.542	-3,54	-13,65	1,32
Portugal	88.037.161.065	84.955.935.549	73.125.519.460	76.130.692.143	22.223	22.761	21.474	22.071	-3,50	-13,93	4,11
Peso AML											
AML Norte/Portugal (%)	42,70	42,94	43,30	42,06							
AML Sul/Portugal (%)	4,68	4,42	4,22	4,18							
AML/Portugal (%)	47,38	47,36	47,52	46,24							

Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE)

Outro indicador relevante na análise das mudanças da estrutura económico-empresarial da região é a evolução do emprego e do VAB associado a empresas com capital maioritariamente estrangeiro (Quadro 11). Entre 1990 e 2008, o emprego ligado a empresas com capital maioritariamente estrangeiro cresceu no país e na AML; em 1990

a AML concentrava 63,23% do emprego ligado a empresas estrangeiras, subindo para 69.76% em 2008, mantendo valores similares até 2015.

Quadro 11 - Pessoal ao serviço em Empresas maioritariamente estrangeiras, 1990-2015

	Nº							Taxa de Variação (%)					
	1990	2002	2005	2008	2010	2012	2015	90-02	02-05	05-08	08-10	10-12	12-15
AML	125383	160016	211410	251778	268150	253089	280691	27,62	32,12	19,09	6,50	-5,62	10,91
Portugal	198282	266392	318649	360937	385846	372112	405912	34,35	19,62	13,27	6,90	-3,56	9,08
AML/ Portugal (%)	63,23	60,07	66,35	69,76	69,50	68,01	69,15						

Fonte: MTSS (1990, 2002); INE (2005, 2008, 2010, 2012, 2015)

Por outro lado, de 2005 até 2014 (apesar do decréscimo de emprego total verificado com a crise após 2008 até 2012), o pessoal ao serviço em empresas maioritariamente estrangeiras reforçou a sua posição face ao restante (Quadro 12); 16,58% dos empregados em 2005 para 22,51% em 2014. Situação idêntica ocorreu com o Valor Acrescentado Bruto (VAB) gerado por estas empresas, que reforça o seu peso de 26,07% (2005) para 31,29% (2014). O crescimento do investimento destas empresas tem contribuído para a globalização empresarial nos sectores da logística, comércio, serviços financeiros e de apoio à produção, sectores que vimos anteriormente, terem grande expressividade na região.

Quadro 12 - Proporção de pessoal ao serviço (%) e do VAB (%) das Empresas maioritariamente estrangeiras

	Proporção de pessoal ao serviço (%) das Empresas maioritariamente estrangeiras				Proporção do valor acrescentado bruto (%) das Empresas maioritariamente estrangeiras			
	2005	2010	2012	2014	2005	2010	2012	2014
AML	16,58	20,16	21,03	22,51	26,07	28,91	29,72	31,29
Continente	8,80	10,67	11,26	11,64	18,03	20,39	21,31	21,92
Portugal	8,53	10,34	10,93	11,30	17,49	19,88	20,83	21,44

Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE)

Assim, em termos sectoriais, a AML destaca-se pela concentração de empregos em empresas estrangeiras nos sectores da indústria de alta tecnologia⁹, serviços intensivos em conhecimento e alta tecnologia⁸ e ainda, serviços intensivos em conhecimento⁷ (uma segunda categoria, onde se incluem atividades igualmente exigentes em termos de qualificação da mão-de-obra) (Marques da Costa, 2008). A presença destas empresas ligadas à atividade industrial apresenta uma forte relação com a capacidade exportadora dos municípios da AML (Figura 13).

Mas a importância do investimento estrangeiros nas empresas da AML não se esgota na forte presença de sectores com maior grau de intensidade tecnológica ou maior densidade de conhecimento, mas estende-se também ao sector da construção civil e ao comércio e distribuição, este último com forte expressão nos últimos 10 anos.

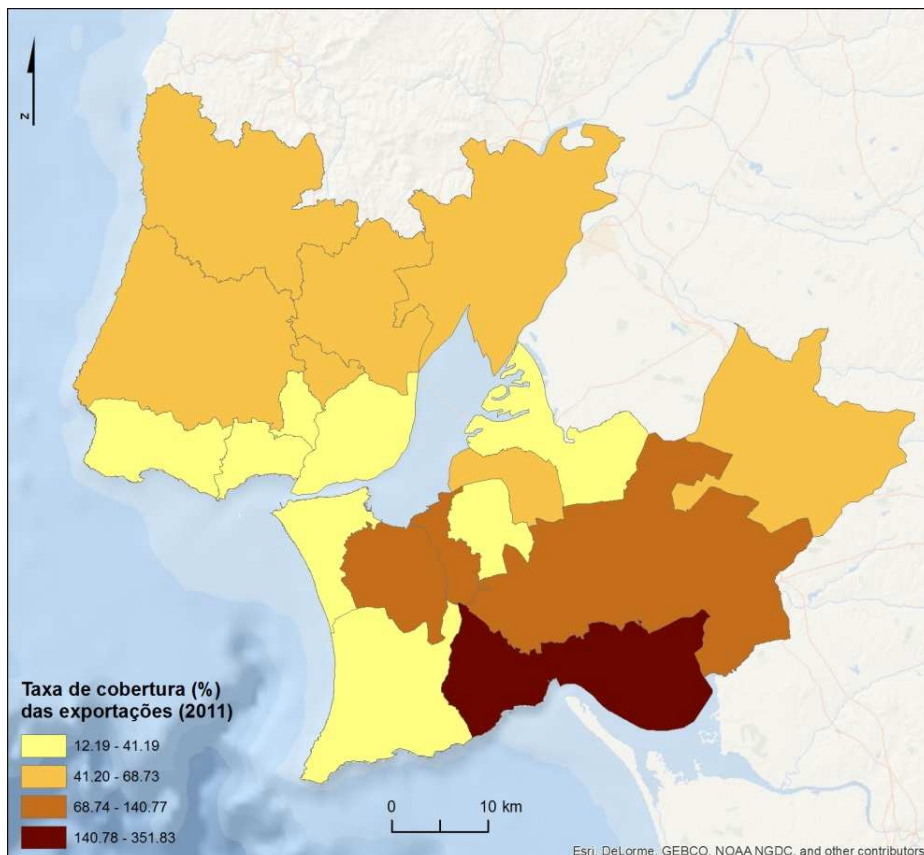


Figura 13 – Taxa de Cobertura das exportações (%), 2011

Fonte: INE

Uma nota para dois domínios. A primeira é para o sector do turismo que desde 2010, em particular após 2012, tem vindo a reforçar a sua posição na AML, quer em termos de empregos, quer de estabelecimentos, incluindo-se não só, muitos novos hotéis, mas também *hostels* e outras formas de alojamento (Quadro 13).

A segunda nota vai para o sector da “Investigação e Desenvolvimento” e para a evolução negativa da despesa realizada entre 2010 e 2014 (Quadro 14).

Quadro 13 - **Pessoal ao serviço nos estabelecimentos hoteleiros**

	Pessoal ao serviço					Estabelecimentos hoteleiros						
	Nº			Taxa de Variação (%)		Nº				Taxa de Variação (%)		
	2010	2012	2015	10-12	12-15	2008	2010	2012	2015	08-10	10-12	12-15
AML	10050	10095	12322	0,45	22,06	306	313	322	562	2,29	2,88	74,53
Portugal	47452	44490	54020	-6,24	21,42	2041	2011	2028	4339	-1,47	0,85	113,95

Fonte: INE

Quadro 14 - **Despesa em investigação e desenvolvimento**

	2010	2014					
	Total (€)	Total (€)	Estado (%)	Empresas (%)	Ensino superior (%)	Instituições privadas sem fins lucrativos (%)	Variação 2011-2014
AML	1304646,9	1000393,5	9,80	43,52	43,43	3,25	-23,32
Portugal	2566449,9	2232248,9	6,26	46,41	45,61	1,72	-13,02

Fonte: INE, Anual - Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

Por fim, algumas considerações finais.

A perda demográfica da cidade capital, o envelhecimento e as transformações no modelo familiar traduzidas num aumento do número de agregados unifamiliares, são

características que coexistem com uma diversidade social, onde se misturam populações mais jovens, com maior qualificação e níveis remuneratórios mais altos, residindo em territórios de construção mais recente e com maior qualidade.

Analisando conjuntamente o padrão de crescimento demográfico e habitacional e a localização do emprego, verificamos a consolidação do modelo policêntrico que se tem vindo a configurar na AML durante a última década, tal como preconizado nos vários instrumentos de ordenamento do território (caso do PNPOT e no documento da revisão do PROT Lisboa, entretanto não aprovado). Na última década, assistiu-se a uma gradual multiplicação dos polos de emprego, que associados à expansão das áreas residenciais para novas localizações (como Mafra, Alcochete, Palmela, bem como em algumas freguesias de concelhos que já possuíam uma função residencial muito forte – ver também Capítulo do Ordenamento do Território), têm sido geradores de um padrão de fluxos pendulares mais intenso e mais complexo, que envolve deslocações diárias, em distância e em tempo, mais elevadas (ver Capítulo Mobilidade).

Lisboa, 2016

Bibliografia

- Área Metropolitana de Lisboa (2015). Pacto para o Desenvolvimento e Coesão Territorial Área Metropolitana de Lisboa, AML – Improve Consult, Lisboa, Área Metropolitana de Lisboa.
- Barroso, S.; Marques da Costa, E.; Andrade, I.; Jeffrey, P.; McKenna, R.; Rodrigues, J. S. (2012). *Desenvolvimento Urbano Sustentável em Portugal: Uma abordagem Integrada*, Comissão Europeia – Direcção-Geral da Política Regional (Versão Portuguesa) http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ibc/pt/ibc/docs_pdf_ibc/FinaReport_PT_Urban.pdf, 112 pág.
- CCDRLVT (2011). Programa Operacional Regional de Lisboa 2007-2013 [FEDER], Lisboa, CCDRLVT.
- INE (2000). *Tipologia sócio-económica da Área Metropolitana de Lisboa 1991*, Lisboa: INE-DRLVT.
- INE (2004). *Tipologia sócio-económica da Área Metropolitana de Lisboa 2001*, Lisboa: INE
- INE (2014). *Tipologia Socioeconómica das Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto 2011*”, Lisboa: INE.
- Marques da Costa, E. (2008). Tendências de Localização das Empresas de Capital Estrangeiro na década de noventa em Portugal Continental, *A integração dos Mercados Ibéricos: um processo dependente e territorialmente diferenciado?*, ed. Iva Pires, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos – Universidade de Lisboa, 201 pp., ISBN:978-972-636-181-7, 77 – 96.
- Marques da Costa, E.; Palma, P.; Marques N. (2015). Regional Disparities of SGI provision, Services of General Interest: European Perspectives and National Insights, eds. Heinz Fassmann, Daniel Rauhut, Eduarda Marques da Costa, Alois Humer, V&R Vienna University Press (91-121)
- Salgueiro, T. B.; Marques da Costa, E. (2009). Características geográficas e transformações recentes das Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto, *Áreas Metropolitanas en Galicia*, ed. J. Souto Gonzalez, Galicia, Xunta de Galicia – Dirección Xeral de Administración Local, 490 pp., Depósito Legal: M-12533-2009, 189 – 239.